

PAPEL DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO HUMANA

Marcos Antônio Lorieri¹

Resumo: Afirma-se inicialmente que a filosofia oferece elementos formativos para o ser humano, seja quando acessa produções filosóficas, seja quando se dá ao trabalho do filosofar dialogando com estas produções filosóficas. Daí os três itens que compõem o texto: formação humana e filosofia; papel formativo da filosofia segundo alguns autores; perspectivas relativas ao papel formativo da filosofia.

Palavras-chave: Filosofia; Educação; Formação Humana; Papel formativo da Filosofia. Ensino de Filosofia.

Resumen: Se afirma, primeramente, que la filosofía ofrece elementos formativos para el ser humano, sea cuando accede a las producciones filosóficas, sea cuando ejercite la práctica de filosofar con estas producciones filosóficas. De ahí están los tres elementos que componen el texto: la formación humana y la filosofía; papel formativo de la filosofía según algunos autores; perspectivas del papel formativo de la filosofía.

Palabras claves: Filosofía. Educación. Formación Humana. Papel formativo de la filosofía. Enseñanza de Filosofía.

Introdução

O problema do qual se parte é o da busca de razões para o que se tem afirmado relativamente ao oferecimento de elementos formativos por parte da filosofia: seja para quem acessa as produções filosóficas, seja para quem se dá ao trabalho do filosofar. Trata-se de tema considerado próprio da área da Filosofia da Educação, a par de outros, como tem sido afirmado na literatura da área.

O texto contém três partes, seguidas de conclusões: Formação humana e filosofia; Papel formativo da filosofia na perspectiva de alguns pensadores da área; Indagações e perspectivas relativas ao papel formativo da filosofia.

¹ Professor no PPGE da Universidade Nove de Julho (UNINOVE) – Brasil. Email: lorieri@sti.com.br

1. Formação humana e Filosofia

Formação tem a ver com forma e com processos que dão forma a algo. No caso dos humanos pode-se pensar em formação como processo de “dar forma” ou, de “dar-se uma forma”. Aqui alguns problemas: a forma humana nos é dada, nós nos damos uma forma, ou ambas as coisas? Estar formado não é parar de existir?

O que é forma? Questão que vem desde a ideia platônica de essência para se referir à “figura latente e invisível”, “só captável pela mente” (FERRATER MORA, verbete Forma), à qual Platão se refere com a palavra *eidos*. Ou da noção aristotélica de forma como essência necessária que se distingue da matéria, e que, com ela, configura algo. Há posições que afirmam ser a forma a essência já dada aos seres, vinda de algum poder externo. Aos humanos competiria realizá-la na sua temporalidade como *conformações*. A ideia de conformação gerou caminhos indicativos de constituição das pessoas. Se a forma é dada *a priori*, resta conformar-se ou ser conformado a ela. Entendimento diferente a vê como resultante do conjunto de relações que se dão na e com a natureza, na e com a sociedade e historicamente. Afirma-se a constituição histórica da maneira de ser pessoa.

São posturas presentes nos discursos pedagógicos e em reflexões de filósofos sobre a educação. Kant no texto *Sobre a Pedagogia* (1996), diz: “O homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação” (KANT, 1996, p. 11). E mais: “O homem não pode tornar-se um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz.” (Idem, p. 15). Diz, ainda, de se dar uma “forma conveniente” ao humano: “É entusiasmante pensar que a natureza humana será sempre melhor desenvolvida e aprimorada pela educação e que é possível chegar a dar aquela forma que em verdade convém à humanidade.” (1996, p. 17).

Que forma convém ao ser humano? Haveria uma *fôrma* à qual se devem submeter os que nascem para que desenvolvam seus “germes” de humanidade a um ponto de conveniência? Conveniência para quem? “Há muitos germes na humanidade e toca a nós desenvolver, em proporção adequada, as disposições naturais e desenvolver a humanidade a partir dos seus germes e fazer com que o homem atinja sua destinação”. (KANT, 1996, p. 18). Germes não são destinatários do mal, diz, e cumpre à educação canalizá-los para o bem (p. 19). Se há desvios, isso se deve à falta de uma educação conveniente que é aquela que inclui o cuidado, a disciplina e a instrução com formação. “A formação compreende a disciplina e a instrução” (1996, p. 14) e ela é

1) negativa, isto é, disciplina, a qual impede os defeitos; 2) *positiva*, isto é, instrução e direcionamento e, sob este aspecto, pertence à cultura. O *direcionamento* é a condução na prática daquilo que foi ensinado. Daqui nasce a diferença entre o *professor*, o qual é simplesmente um mestre, e o *governante*, o qual é um guia. O primeiro, ministra a educação da escola; o segundo, a da vida. (KANT, 1996, p. 30-31). (Os itálicos constam no original).

A disciplina é negativa porque “impede ao homem de desviar-se do seu destino, de desviar-se de sua humanidade” (idem, p. 12) e inclui a instrução ou a cultura – “pois que assim pode ser chamada a instrução” (idem, p. 16). “Quem não tem cultura de nenhuma espécie é um bruto; quem não tem disciplina ou educação é um selvagem” (idem, p. 16). A cultura abrange a instrução e, por essa razão, envolve um trabalho professoral de informação e um de direção, de *governança*, ou de guia para a vida. Isso é formação humana que torna o homem humano. “A espécie humana é obrigada a extrair de si mesma pouco a pouco, com suas próprias forças, todas as qualidades naturais que pertencem à humanidade.” (KANT, 1996, p. 12).

Mas, qual humanidade? Há uma em especial, já definida? Sim e não: há uma nos germes de humanidade; mas há fins humanos que devem ser construídos nas “circunstâncias”. “A cultura é a criação da habilidade e esta é a posse de uma capacidade condizente com todos os fins que almejemos. Ela, portanto, não determina por si mesma nenhum fim, mas deixa esse cuidado às circunstâncias” (idem, p. 26). Como assim? Pode-se perguntar. Talvez Kant aposte na inexorabilidade da Razão que apresenta os fins para quem se desenvolve ou supera a minoridade de que fala em *Que é isto a Ilustração*. “Bons são aqueles fins que são aprovados necessariamente por todos e que podem ser, ao mesmo tempo, os fins de cada um.” (KANT, 1996, p. 27).

Não é fácil a tarefa de definição dos fins, mas é uma necessidade da humanidade. O ser humano, diferentemente dos animais que cumprem destinos sem o saberem, é obrigado “a tentar conseguir o seu fim; o que ele não pode fazer sem antes ter dele um conceito”. (Idem, p. 18). Ter um conceito aprovado por todos e que seja, ao mesmo tempo, o de cada um. A Razão indica a forma de ser gente e o caminho da formação.

Savater diz algo semelhante: “Nascemos humanos, mas isso não basta: temos também que chegar a sê-lo”, (1998, p. 29). E acrescenta: “A condição humana é em parte espontaneidade natural, mas também deliberação artificial: chegar a ser totalmente humano – seja humano bom ou humano mau – é sempre uma *arte*”. (Idem, p. 31). Espontaneidade natural que carrega elementos dados, como os germes de humanidade, mas atrelados a um projeto que se realiza nas *circunstâncias*, como diz Kant. Marx e Engels (1979) indicam que a formação humana é uma construção coletiva e histórica que ocorre a partir de elementos naturais dados, mas que se realiza nas relações de produção da vida, pelo trabalho. “O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção” (MARX-ENGELS, 1979, p. 28). Os caminhos da realização humana se dão nas condições históricas: o primeiro momento, o “primeiro ato histórico” (1979, p. 39), é o da produção dos meios que permitem a satisfação das necessidades de “comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais”

(idem, p. 39). Ato este que “deve ser cumprido todos os dias e todas as horas”. (Idem, p. 39). A satisfação das necessidades básicas conduz a novas necessidades que são cada vez mais ampliadas. Decorre daí o processo de produção coletiva da vida que adquire as mais diversas formas historicamente. Os seres humanos vivem e formam-se como humanos no trabalho, ou seja, nas relações de produção que implicam em relações sociais. Daí “vê-se aqui que os indivíduos fazem-se *uns aos outros*, tanto física como espiritualmente, mas não se fazem a si mesmos” (idem, p. 55). A formação humana não ocorre solitariamente, pois ela é solidária: dá-se nas interações sociais que incluem as relações produtivas. Interações que incluem a transmissão, para as novas gerações, “de uma soma de forças de produção” e de uma “relação historicamente criada com a natureza e entre os indivíduos” que, “embora sendo em parte modificada pela nova geração, prescreve a esta, suas próprias condições de vida e lhe imprime um determinado desenvolvimento, um caráter especial. Mostra que, portanto, as circunstâncias fazem os homens assim como os homens fazem as circunstâncias” (MARX e ENGELS, 1979, p. 56).

Kant fala de uma humanidade definida nos “germes de humanidade” e, ao mesmo tempo de uma humanidade a ser construída, quanto aos seus fins, nas “circunstâncias”. Indica, também, fins humanos definidos pela Razão. Marx e Engels apontam as circunstâncias como constituidoras dos humanos, mas circunstâncias constituídas pelos próprios humanos nas relações que estabelecem com a natureza e entre si. Circunstâncias que podem ser benéficas ou maléficas.

É importante perguntar: como avaliar as circunstâncias? Que critérios definem o que é benéfico ou maléfico para a humanização do humano? O que é mesmo um bom humano? O que é formação humana boa? A pergunta inicial se amplia: não apenas o que é formação humana, mas o que é formação humana boa. Isto remete à questão antropológica básica: o que é o humano? Trabalhar filosoficamente esta questão é uma das principais contribuições da Filosofia para a Educação. A principal pergunta é a que diz respeito ao ser humano e ao significado de sua existência.

(...) de um ponto de vista mais fundante, pode-se dizer que cabe à filosofia da educação a construção de uma imagem do homem. (...) Trata-se do esforço com vista ao delineamento do sentido mais concreto da existência humana. (...) Como tal, a filosofia da educação constitui-se como antropologia filosófica. (SEVERINO, 1994, p. 21).

Não uma antropologia abstrata, mas “uma antropologia filosófica capaz de apreender o homem existindo sob mediações histórico-sociais, sendo visto então como ser eminentemente histórico e social” (idem, 1994, p. 21).

A partir destas ideias Severino diz, também, da formação humana, ao responder à pergunta: “O que vem a ser essa formação? ” (2002, p. 185). Sua resposta; “Nós nos formamos quando nós nos damos conta do sentido de nossa existência, quando tomamos consciência do que viemos fazer no planeta, do porquê vivemos” (idem, p. 185). Tomada de consciência que é a dimensão subjetiva que exige o desenvolvimento de sensibilidades que a constituem: as sensibilidades epistêmica, ética, estética e aos valores políticos (consciência social). Pois, é nisso que a formação humana faz diferença em relação aos dados naturais, por certo, imprescindíveis, mas não suficientes para a constituição humana.

É toda esta esfera do exercício da dimensão subjetiva da pessoa que nos torna efetivamente humanos. Não bastam a integridade física, biológica, o bom funcionamento orgânico, as forças instintivas, para uma adequada condução da vida humana. Sem a vivência subjetiva continuamos como qualquer outro ser vivo puramente natural, regido por leis pré-determinadas, vale dizer, sem possibilidades de escolhas, sem flexibilidade no comportamento. (SEVERINO, 2002, p. 185).

A vivência subjetiva não se dá descolada das circunstâncias histórico-sociais. No humano não há dissociação do biológico e do cultural e nem do que é individual e do que é social. O humano é formado na complexidade destas relações. “A educação não é apenas um processo institucional e instrucional, seu

lado visível, mas fundamentalmente um investimento formativo do humano, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal, seja no âmbito da relação social coletiva” (SEVERINO, 2006, p. 2). Neste investimento a filosofia tem um papel importante, pois, a formação humana não se dá sem a contribuição da formação filosófica: “É por tudo isso que não pode haver educação, verdadeiramente formativa, sem a participação, sem o exercício e o cultivo da filosofia em todos os momentos da formação das pessoas” (idem, p. 187). Que papel formativo seria este?

2. Papel formativo da Filosofia na perspectiva de pensadores brasileiros

Foram tomados, aqui, posicionamentos de três pensadores brasileiros a respeito das possibilidades formativas do ensino de filosofia. São convites à reflexão.

Para Favaretto, pelo fato de as pessoas terem necessidade de “sistemas de significação” que as ajudem a situar-se na heterogeneidade da realidade e de concepções sobre ela, a filosofia pode contribuir para que o aluno, no caso do Ensino Médio, ingresse “na experiência reflexiva pela passagem do heterogêneo ao homogêneo, do disperso ao uno, da variedade dos fatos, acontecimentos e opiniões a uma ordem de pensamento, lei ou estrutura que lhe permita a produção da inteligibilidade (Lebrun, 1976) ” (FAVARETTO, 2004, p. 44-45). Esta é, para ele, uma contribuição formativa que se dá na oferta de “diretrizes conceituais e de estilos de interrogação que permitam ao aluno orientar-se no pensamento”. (Idem, p. 45).

Eis, então, uma posição quanto à ideia de *formação* pela filosofia: a filosofia gera condições, indiretas é claro, da intervenção na realidade, nos modos dos jovens se situarem face à multiplicidade e heterogeneidade dos problemas, fatos, acontecimentos em que estão envolvidos. *Intervir* significa, então, descobrir o funcionamento e o sentido das configurações (teorias, ideologias e mitologias, religiosas, científicas, tecnológicas, artísticas); significa interrogar,

formular questões e objeções. Para isso, reafirmando, os jovens utilizam os sistemas de referência constituídos no curso de filosofia, como uma experiência (acima de tudo, sobre os processos enunciativos) de uma diversidade significativa de trabalhos filosóficos. (FAVARETTO, 2004, p. 46. Itálicos do autor).

Trata-se de um aspecto formativo, a par de outros, que os auxilia na descoberta do funcionamento e dos sentidos das configurações referidas e de produzir, em relação a elas, interrogações, questões e objeções. E isso para que possam se apoderar de uma linguagem de segurança própria, trabalhada e articulada com os recursos da reflexão e da criticidade. O trabalho com textos filosóficos é um recurso aí, pois, neles “estão os temas, os problemas, os conceitos, os métodos, os procedimentos” (idem, p. 52) a serem aprendidos, além da possibilidade de aprender “procedimentos gerais de pensamento, entendidos como princípios metodológicos da atividade intelectual – desenvolvimento das capacidades de análise e leitura; de técnicas de raciocínio e argumentação; de métodos de questionamento, problematização e expressão”. (Idem, p. 53). Esses aprendizados compõem o acervo formativo que a Filosofia pode oferecer.

Para quê, poder-se-ia perguntar? Para ajudar a formar pessoas que sejam capazes de deslocarem-se “ da apreensão imediatista da realidade para uma posição esclarecida” (idem, p. 53). Aí estaria a sua “utilidade” na expressão de Chauí (2003, p. 24) ao afirmar a este respeito:

Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum, for útil; se não se deixar guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos, for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política, for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos, for útil, então podemos dizer que a Filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes.

Se o trabalho com Filosofia, seja no Ensino Médio, seja no Ensino Superior, seja nos cursos de Formação de Educadores, for realizado na perspectiva de oferecer ajuda para que os alunos destes cursos se desloquem “ da apreensão imediatista da realidade para uma posição esclarecida”, no dizer de Favaretto, ou para que abandonem a ingenuidade e os preconceitos do senso comum e não se deixem guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos (CHAUÍ) e, além disso, conheçam o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política e tenham meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos, então pode-se afirmar que a Filosofia é um saber altamente formativo desses alunos.

José Auri Cunha (2011), aponta como uma das funções básicas formativas do Ensino Médio, o desenvolvimento de uma cultura racional como a que está presente nas ciências, nas tecnologias e na filosofia. Cultura que implica tanto o desenvolvimento de atitudes, quanto de procedimentos lógico-metodológicos, “sem os quais a aprendizagem e prática do pensamento conceitual não se sustenta”. (CUNHA, 2011, p. 1) Este desenvolvimento encontra na filosofia “uma condição particularmente privilegiada” pois é próprio do seu exercício, “questionar a verdade das crenças e a sustentação argumentativa dos princípios e regras morais ou políticas” (idem, p. 1). É próprio do seu discurso ser “reflexiva e crítica, colocando sob o crivo da permanente refutabilidade as estruturas intelectuais e cognitivas que lastreiam a compreensão, a explicação e o modelamento da realidade, entendendo esta enquanto experiência comum vivida objetivada em conceitos” (idem, p. 1). Diz que, para aceder a este tipo de pensamento conceitual, não é possível “prescindir das técnicas, artifícios e métodos da reflexão e da crítica filosófica” (idem, p. 1).

Criar a atitude de autorreflexão e de questionamento crítico é a primeira tarefa-objeto do ensino de filosofia na educação média, uma vez que é neste momento que ocorre a iniciação

nos procedimentos mais formais da aprendizagem do conhecimento e dos princípios ou regras apresentados como verdadeiros, legitimados pela história das discussões críticas, no afã de refutá-las e corrigi-las. (CUNHA, 2011, p. 2)

A par desta contribuição relativa ao aprendizado de procedimentos racionais, “o estudo da filosofia envolve também um tipo especial de questionamentos, justamente um rol daquelas questões que, a rigor, são irrespondíveis” (CUNHA, 2011, p. 2). Ou seja, as questões de fundo, ou questões fundamentais. Elas dizem respeito a aspectos da existência humana, a começar pelo seu sentido, passando por questões relativas ao verdadeiro, ao belo, ao bem, à vida em sociedade, ao poder e outras.

Que indagações e perspectivas, posições como estas, nos põem?

3. Indagações e perspectivas relativas ao papel formativo da Filosofia

O ser humano, no começo de vida, traz consigo certas características e possibilidades (germes de humanidade, no dizer de Kant) que lhe permitem formar-se e ser formado nas “circunstâncias”, ou nas relações sociais e históricas nas quais se envolve. É seu processo formativo que o torna efetivamente humano. Em assim pensando, que lugar ocupam as contribuições da filosofia nesse processo? Quais são elas?

O primeiro aspecto a demandar a contribuição da filosofia é o da necessidade de “sistemas de significação” que ajudem cada pessoa a situar-se na heterogeneidade da realidade e de concepções sobre ela, conforme dito por Favaretto. Há uma heterogeneidade ou diversidade do e no real (natural e cultural) e há heterogeneidade de concepções a respeito deste real. Como situar-se aí? Como avaliar as concepções? Como deliberar a respeito delas e, o mais difícil, como elaborar alguma, se nenhuma delas satisfaz? Como a filosofia pode ajudar nisso que, segundo Favaretto, é também constitutivo do humano? Para ele, a contribuição se dá na oferta de ingresso na experiência reflexiva da filosofia que

ajuda na passagem ou superação “do heterogêneo ao homogêneo, do disperso ao uno, da variedade dos fatos, acontecimentos e opiniões a uma ordem de pensamento, lei ou estrutura que lhe permita a produção da inteligibilidade” (citado anteriormente).

Uma interrogação e um desafio aqui se colocam: as pessoas precisam desta produção de inteligibilidade? Se sim, como ajudá-las, neste intento, com a filosofia? Talvez com a ajuda do pensamento de filósofos buscando aí a explicitação mais clara dos problemas e o aprendizado de “procedimentos gerais de pensamento, entendidos como princípios metodológicos da atividade intelectual conforme apontado acima. É uma perspectiva que contempla as ideias de Auri Cunha que aponta como finalidade do Ensino Médio o desenvolvimento de uma cultura racional presente nas ciências e na filosofia e que implica o desenvolvimento de atitudes e de procedimentos lógico-metodológicos que são condições para um necessário pensamento conceitual. A filosofia pode, aí, oferecer contribuições formativas, pois, é próprio do seu exercício, o questionamento das crenças e dos princípios e regras morais ou políticas, bem como o exercício da reflexão e da crítica que coloca “sob o crivo da permanente refutabilidade as estruturas intelectuais e cognitivas que lastreiam a compreensão, a explicação e o modelamento da realidade” (citado acima).

É perspectiva que se coaduna com o desejável da formação filosófica que, no dizer de Chauí (já citado), pode ajudar para que os jovens abandonem a ingenuidade e os preconceitos do senso comum e não se deixem guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos e, além disso, possam conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política e tenham meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos. Aí estaria a utilidade da filosofia. Uma utilidade formativa de certo tipo de pessoas.

Outra perspectiva, das mais importantes, é o convite que a filosofia faz para se pensar as questões que dizem respeito a aspectos fundamentais da existência humana, a começar pelo seu sentido, passando por questões relativas ao

verdadeiro, ao belo, ao bem, à vida em sociedade, ao poder e outras. Isso deve ser feito, sob pena de as pessoas serem levadas a adotar respostas interessadas ou interesseiras e, com isso, permitirem ser manipuladas nas direções de suas vidas, o que geraria uma deformação delas. Como fazer isso, especialmente no trabalho com os jovens?

Possíveis conclusões

Fazer isso é buscar fazer filosofia como educação, pois a filosofia é educação da humanidade, como diz Chauí no livro de Olgária Matos *Filosofia: a Polifonia da Razão*: nele “não leremos “filosofias da educação”, mas veremos o projeto da filosofia como educação”. (MATOS, 1997, p. 5). Matos remete aos gregos e diz que eles não se enganaram ao propor o exercício do filosofar. Aponta, aí, o pensar bem do filosofar como uma medicina da alma, um *pharmakon*. “A filosofia forma almas fortes pelo exercício da análise de si e do pensamento autônomo”. (1997, p. 7). Se o ensino de filosofia caminhar nas perspectivas mencionadas, ele pode ser um bom aliado do processo formativo de “almas fortes”.

E mais, além de auxiliar no atendimento da necessidade de produção das significações, através da busca incessante por respostas às questões fundamentais, o ensino da filosofia auxilia no necessário aprendizado de se colocar sob o crivo da reflexão crítica as significações que estão presentes na cultura e que são utilizadas para orientar e justificar maneiras de ser, de agir e de pensar. A filosofia é ajuda nessa direção, pois, como diz Chauí, um entendimento possível do fazer filosofia é: “Decisão de não aceitar como naturais, óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido” (2003, p. 17-18). As pessoas, os jovens em particular, precisam e, por isso, têm o direito, de aprender a serem reflexivos, críticos, rigorosos, radicais e abrangentes na análise

das “questões de fundo” e na análise das respostas com que se defrontam no seu cultural.

Para a realização deste exercício formativo é necessário desenvolver as sensibilidades epistêmica, ética, estética, política e antropológica. Pois, dentro da perspectiva aqui adotada, o desenvolvimento dessas sensibilidades é uma exigência do processo formativo em geral.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo. Ática, 2003.

CUNHA, José Auri. Filosofia no Ensino Médio: Indissociação entre pensamento conceitual, escrita filosófica e diálogo argumentativo. Minuta de texto levado a discussão, por ocasião do VI Encontro do NEFI/UERJ – Rio de Janeiro, Março/2011: NEFI (*Núcleo de Estudos Filosóficos da Infância*) – VI Experiência de Formação “Pensando com outros os sentidos do filosofar”, Ilha Grande – 10 a 15 de Março de 2011.

FAVARETTO, Celso. A Filosofia e a formação do adolescente no Ensino Médio: Filosofia, ensino e cultura. In: KOHAN, Walter. **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio: DP&A Editora, 2004. p. 43-53.

KANT, I. **Sobre a pedagogia**. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba, SP: Editora Unimep, 1996.

MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã**. [I- Feurbach]. 2ª ed. Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MATOS, Olgária. **Filosofia, a polifonia da razão: filosofia e educação**. São Paulo. Scipione, 1997.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. Trad. de Roberto Leal Ferreira e Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SAVATER, F. **As perguntas da vida**. Trad. Monica Stahel. São Paulo. Martins Fontes, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia da Educação: construindo a cidadania**. São Paulo: FTD, 1994.

_____ A filosofia na formação do jovem e a resignificação de sua experiência existencial. In: KOHAN, W. **Ensino de filosofia: perspectivas**. Belo Horizonte. Autêntica, 2002, p. 183-194.

_____ A razão de ser da filosofia no ensino superior. In: Anais do XIII ENDIPE. Recife: UFPE, 2006.